UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASUL
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DOCENTE CAMINHOS DO SERTÃO
UNIDADE AVANÇADA ITINGA DO MARANHÃO
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

**SILMARA DE JESUS DUTRA TORRES COELHO SILVA**

# **ENTRE LINHAS E VIVÊNCIAS:** A contribuição da crônica para o desenvolvimento do letramento literário

Itinga do Maranhão
2026

**SILMARA DE JESUS DUTRA TORRES COELHO SILVA**

# **ENTRE LINHAS E VIVÊNCIAS:** A contribuição da crônica para o desenvolvimento do letramento literário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, como requisito para obtenção de título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Deivanira Vasconcelos Soares

Itinga do Maranhão
2026

S586e

Silva, Silmara de Jesus Dutra Torres Coelho

Entre linhas e vivências: a contribuição da crônica para o desenvolvimento do letramento literário. / Silmara de Jesus Dutra Torres Coelho Silva. – Itinga do Maranhão, MA, 2026.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2026.

1. Crônica. 2. Letramento literário. 3. Literatura. I. Título.

CDU 81:82

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Clemilda Izaias Santos CRB – 13/626**

**SILMARA DE JESUS DUTRA TORRES COELHO SILVA**

**ENTRE LINHAS E VIVÊNCIAS:** A contribuição da crônica para o desenvolvimento do letramento literário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, como requisito para obtenção de título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Deivanira Vasconcelos Soares

APROVADO EM: 02/06/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
DEIVANIRA VASCONCELOS SOARES
Data: 15/06/2026 10:09:41-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Deivanira Vasconcelos Soares
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br
REMY PEREIRA DE SALES
Data: 15/06/2026 13:32:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Remy Pereira Sales
(Examinador 1)

Documento assinado digitalmente
gov.br
ELAYNE SARED DA SILVA MORAIS
Data: 15/06/2026 09:54:45-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Elayne Sared da Silva Moraes
(Examinador 2)

*Dedico este trabalho ao meu marido Leonardo e meus filhos(as) Heloíse, Vicente e Helena pelo suporte e amor que foram fundamentais para conclusão desta etapa. Agradeço pela paciência e compreensão quando estive ausente nos fins de semana, para tornar essa conquista possível.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder saúde e me manter de pé fortalecendo minha fé e confiança para conclusão deste curso.

À minha Orientadora Deivanira Vasconcelos pela sua disposição, paciência e contribuição valiosa para que esse trabalho fosse concluído com êxito.

Aos professores do Programa de Formação Docente Caminhos do Sertão por seus saberes compartilhados e palavras de incentivos ao longo do curso.

Ao meu esposo Leonardo Coelho, agradeço por ser meu porto seguro, meu ombro amigo, por me incentivar e acreditar que sempre serei capaz de alçar voos mais altos.

Aos meus filhos Heloíse, Vicente e Helena, por serem minha maior fonte de inspiração e por me darem força para buscar o melhor a cada dia.

À minha mãe Maria José que sempre acreditou no meu potencial e vibrou em cada conquista da minha vida.

Aos meus amigos, em especial ao grupo “Códigos Acadêmicos” e finalmente colegas de profissão, agradeço pelo apoio e parceria que fizeram toda diferença nessa jornada.

*"A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade."*

*(Antonio Candido)*


**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo discutir de que modo a crônica literária, em particular a obra "O Padeiro", da autoria de Rubem Braga, contribui para o desenvolvimento do

letramento literário no ambiente escolar. A pesquisa justifica-se pela necessidade de encontrar estratégias pedagógicas que aproximem os estudantes do universo da leitura, promovendo uma formação crítica, autônoma e humanizadora. Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentando-se nas teorias de Rildo Cosson (2010), acerca do letramento literário, e de Antonio Candido (1992), sobre a função humanizadora da literatura. A análise demonstrou que a crônica, através da sua linguagem acessível e da sua temática voltada para o quotidiano, rompe com a erudição excessiva que muitas vezes afasta os alunos da leitura, permitindo-lhes reconhecer a sua própria realidade e desenvolver a empatia. Os resultados indicam que o uso deste gênero em sala de aula favorece a construção de sentidos, estimulando a reflexão sobre questões sociais, como a invisibilidade e a desumanização, e consolidando a literatura como uma prática social ativa. Conclui-se, assim, que a crônica se apresenta como uma ferramenta didática altamente eficaz para a formação de leitores mais conscientes, humanos e preparados para intervir na sociedade.

**PALAVRAS – CHAVES:** crônica; letramento literário; literatura.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss how the literary chronicle, specifically the work "O Padeiro" by Rubem Braga, contributes to the development of literary literacy in the school environment.

The research is justified by the need to find pedagogical strategies that bring students closer to the universe of reading, promoting a critical, autonomous, and humanizing education. Methodologically, the study is characterized as bibliographic research with a qualitative approach, based on the theories of Rildo Cosson (2010) regarding literary literacy, and Antonio Candido (1992) regarding the humanizing function of literature. The analysis demonstrated that the chronicle, through its accessible language and focus on everyday themes, breaks with the excessive erudition that often alienates students from reading, allowing them to recognize their own reality and develop empathy. The results indicate that the use of this genre in the classroom fosters the construction of meaning, stimulating reflection on social issues, such as invisibility and dehumanization, and consolidating literature as an active social practice. Thus, it is concluded that the chronicle serves as a highly effective didactic tool for forming more conscious, humane readers who are prepared to intervene in society.

**KEYWORDS:** chronicle; literary literacy; literature.

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO.....10**

**2 LETRAMENTO LITERÁRIO: CONCEITO E DIMENSÕES.....11**
**3 O GÊNERO LITERÁRIO CRÔNICA: ASPECTOS TEÓRICOS.....17**
**4 A CRÔNICA "O PADEIRO" DE RUBEM BRAGA.....21**
**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....23**
**REFERÊNCIAS.....25**

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o gênero crônica e a contribuição para o letramento literário e formação do pensamento crítico e autônomo dos

alunos. Temos por base os estudos dos teóricos Rildo Cosson (2010), sobre o letramento literário e Antonio Candido (1992) com seu pensamento de que a literatura humaniza. Além disso, pensamos nos diferentes suportes que a crônica oferece para que o desafio de formar leitores literários seja superado no cenário atual de escolaridade.

A crônica, por sua característica despretensiosa e reveladora, convida o leitor a ter uma experiência íntima com o texto, permitindo que a linguagem ganhe força e se torne relevante no cotidiano do aluno. Com características tão singulares, a crônica se estabelece como uma principal ferramenta pedagógica para desenvolver o letramento literário, pois coloca o aluno em contato com textos que possuem uma linguagem acessível, fluída e objetiva, capazes de humanizar ao refletirem sobre temas que aproximam o leitor de suas vivências.

Portanto, a leitura de crônicas mostra-se eficaz para a formação cultural e social do aluno, conectado à linguagem, sensibilidade, reflexão e senso crítico. Ao abordar sobre o cotidiano, esse gênero ressignifica o olhar literário do leitor, construindo então uma percepção mais humanizadora da literatura.

Diante desse cenário, surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a leitura e a análise da crônica “O Padeiro” de Rubem Braga pode impactar o desenvolvimento do letramento literário em sala de aula, promovendo não apenas a compreensão textual, mas também a reflexão crítica e humanizada?. Como hipótese inicial, parte-se do princípio que por sua natureza hibrida e estética envolvente, a crônica vem se tornar um potencial pedagógico essencial para que o letramento literário se estabeleça em sala de aula, conscientizando alunos e professores que a leitura literária necessita acontecer de forma profunda e ao mesmo tempo leve, sem deixar de lado o meio social, histórico e cultural do aluno.

Sob essa perspectiva, o objetivo geral deste artigo é analisar de que maneira o gênero crônica impacta no desenvolvimento do letramento literário, promovendo a compreensão textual, reflexão crítica e humanizada. Como objeto de estudo, analisou-se a crônica “O Padeiro”, de Rubem Braga (1956), a fim de refletir como a crônica, caracterizada por ter uma linguagem acessível, temas leves e ao mesmo tempo profundos contribui para a formação de leitores críticos e olhar humanizado.

A metodologia adotada para esse estudo é a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. O processo consiste na coleta de dados por meio de referenciais teóricos já publicados e a análise interpretativa da obra selecionada, buscando fundamentar discussões

acerca do papel do professor como agente mediador em sala de aula e a relevância da literatura na formação do cultural do indivíduo.

Este trabalho está organizado em cinco tópicos, incluindo esta introdução. O segundo tópico abrange sobre o conceito de letramento literário, o terceiro sobre o gênero literário crônica e seus aspectos teóricos, o quarto tópico analisa a crônica "O Padeiro" de Rubem Braga, por fim, o quinto tópico traz as considerações finais desse estudo.

## 2 LETRAMENTO LITERÁRIO: CONCEITO E DIMENSÕES

Os estudos sobre letramento são considerados, de certa forma, recentes na Língua Portuguesa, por isso tem desencadeado inúmeras discussões em relação a sua funcionalidade. O termo letramento tem origem inglesa da palavra *literacy* que significa: condição de ser letrado, ou seja, aquele que aprende a ler e escrever. Segundo Magda Soares em seu livro intitulado "Letramento um tema em três gêneros", o conceito de letramento "é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita" (Soares, 1998, p. 18).

Sendo assim, o letramento consiste em formar o sujeito por meio das práticas consistentes de leitura e escrita. A intenção é torná-lo um leitor crítico e autônomo que consiga transcender a simples interpretação de símbolos. Dessa forma o conceito de letramento deixa de ser um processo de ensino restrito ao âmbito escolar para se tornar uma ferramenta com metodologias mais amplas. Sob essa perspectiva, o letramento abrange práticas sociais, culturais e históricas, pois é evidente sua aplicação também fora do contexto escolar.

Nesse sentido, Angela Kleiman, no livro "Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita", define letramento como:

> Um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. As práticas especificas da escola, que forneciam o parâmetro de pratica social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de pratica - de fato, dominante - que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (Kleiman, 1995, p. 18-19).

Essa abordagem de Kleiman vai além do que define Soares, pois tira foco apenas do indivíduo e prioriza as interações que acontecem na sociedade, se manifesta no uso prático e

cotidiano da escrita em diferentes contextos. Dessa forma, o texto deixa de ser apenas técnico, como na alfabetização, e passa a ser uma forma de reflexão sobre como o texto interage com o mundo real. Essa visão de leitura e escrita é prática social que abre o caminho para discutir como o letramento literário funciona.

Com base nessas definições, compreende-se que o letramento abrange o uso da leitura e escrita nas diversas esferas da vida. No entanto, é necessário ressaltar que o letramento literário possui uma especificidade que o distingue das diferentes práticas sociais, enquanto outros gêneros textuais costumam se relacionar diretamente com o cotidiano do aluno, a literatura exige um aprendizado próprio: é preciso aprender a ler um texto literário, analisar sua estrutura e a sua forma de representação da realidade. Isso ocorre porque a literatura cumpre uma função humanizadora que vai além do mero papel como agente social do dia a dia.

Desse modo, a literatura como prática social da oralidade e escrita, demanda uma mediação consciente. Embora a literatura seja frequentemente justificada pelo seu caráter lúdico, no entanto, seu papel é mais profundo e estruturante. Nesse sentido, Rildo Cosson, em sua obra “Letramento Literário: teoria e prática” afirma que:

> É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (Cosson, 2010, p. 30).

Ao tratar a leitura literária como um instrumento de diálogo com o mundo, Cosson (2010) aponta que “o efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de uma inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que nos permite manter com o mundo e com os outros” (Cosson, 2010, p. 28). Assim, entender o letramento literário como algo essencial retira o processo educativo da superfície, capacitando o aluno a decifrar de forma mais profunda as nuances do texto literário e os contextos construídos com base nas suas vivências.

Ademais, esse movimento de aproximação com o cotidiano, permite que o leitor se enxergue nas entrelinhas e, ao mesmo tempo, aprenda a decifrar as intenções e sentimentos alheios. Trata-se de um processo que humaniza o ensino, transformando a palavra escrita em uma via de mão dupla que conecta o sujeito às vozes e aos contextos que o cercam no cotidiano.

Nessa perspectiva, o letramento literário vai muito além da simples capacidade de ler e escrever (alfabetização); ele se estabelece na dimensão mais subjetiva e social como forma de apropriação da escrita. Sob essa ótica, a literatura deixa de ser apenas algo complementar; objeto de estudo e passa a atuar como um meio essencial na formação humana, uma necessidade básica para todo indivíduo.

A literatura, portanto, não é um luxo curricular, mas um direito humano inalienável, conforme defendido por Antonio Candido em "Literatura e Sociedade" (2006), "A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a." (Candido, 2006, p. 77). Assim, a obra literária se destaca como algo único, em que o leitor se torna ativo, protagonista em relação a sua história, sendo lida, consumida e assim buscando uma organização interna.

Nesse sentido, ao trazer a literatura para o plano das experiências imediatas do aluno, o letramento literário cumpre o papel de estabelecer uma conexão vital, desmistificando a arte da simples leitura como algo que vai além do ler só como ato de fruição. Sendo assim, Cosson (2015) em seu artigo "A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino?" afirma que:

> O ensino da literatura não pode ser reduzido a uma simples leitura ilustrada, cujo objetivo seja proporcionar o prazer de ler [...] a leitura literária implica códigos, protocolos, práticas e convenções que identificam o que é literatura e informam sobre os diversos modos de ler o texto literário. (Cosson, 2015, p. 169).

A partir do momento em que esses códigos são dominados, a experiência com a leitura se torna mais prazerosa e fluida, por isso a necessidade da leitura literária na escola ter objetivos claros e bem definidos. Essa condução pedagógica permite ao estudante ultrapassar a leitura mecânica e alcançar a profundidade do texto. Desse modo, ao investigar a natureza dessa prática, Cosson (2010) ressalta que leitura literária "[...] consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo reconstruído pela força da palavra, que é a literatura". (Cosson, 2010, p. 16).

Diante disso, precisa-se entender que a literatura envolve os saberes do ser humano e sua relação com o mundo, e assim ser definida como uma disciplina imprescindível para o saber cultural, social e histórico, que por se só transforma o leitor em um sujeito capaz de compreender o mundo, como pontua Cosson (2010):

> É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da escolarização, promovendo o letramento literário. (Cosson, 2010, p. 17).

Desse modo, o ensino de literatura abre caminhos para que o estudante desenvolva o letramento literário, tornando-se um elemento indispensável para sua formação integral. Nessa perspectiva, espera-se que o estudante por meio de suas interações e práticas sociais, consiga identificar tanto na escrita como na oralidade as inúmeras possibilidades de sentidos que o texto literário oferece. Essa criticidade e autonomia, no entanto, só é possível quando o letramento literário é trabalhado no processo contínuo de apropriação da cultura e da linguagem.

A literatura com todo seu repertório de textos possibilita o desenvolvimento do letramento, embora se saiba que a simples atividade de leitura não seja o suficiente para o pleno desenvolvimento letrado e social do sujeito. Para que esse processo aconteça, é necessário que o ato de ler ultrapasse os limites da sala de aula, o senso comum e explore mais profundamente os textos literários. Como afirma Cosson (2010):

> Não é possível aceitar que a simples atividade de leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são super verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário. (Cosson, 2010, p. 26).

Contudo, para que o processo de letramento aconteça, é necessário compreender a profundidade da experiência com os textos. Esse processo não é algo isolado, mas algo que envolve diferentes configurações desde a apropriação do aluno na escrita de forma plena, transformando a leitura em processo de inserção social. Nesse sentido, Cosson (2010) ressalta:

> [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (Cosson, 2011, p. 12)

Assim, Cosson (2010) mostra que o alcance do letramento literário se dá a partir do contato direto com textos literários e não se restringe somente ao ambiente escolar, como também, fora da sala de aula. Muito embora o autor deixa claro que a escola seja um campo

produtivo para que esse processo aconteça de forma organizada, sistemática e assim o ensino de literatura se torne eficaz no desenvolvimento leitor do aluno.

Nessa perspectiva, segundo Paulino e Cosson na sua obra em conjunto "Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola" (2009, p. 69 - 70) é através da "[...] experiência da literatura que ampliamos e fortalecemos esse processo ao oferecer múltiplas possibilidades de ser o outro sendo nós mesmos, proporcionando mecanismos de ordenamento e reordenamento mundo [...]", é a partir dessa concepção que a literatura se mostra um caminho essencial de experimentação de vivências do outro, o que torna o aluno consciente do ser social, histórico e político.

Assim como afirma Antonio Candido em sua notável obra "O Direito à Literatura *in* Vários Escritos" (1995), "[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que se deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza" (p. 186). Portanto, a literatura se estabelece como o pilar essencial no âmbito educacional, além de oferecer condições de humanização, criatividade e entretenimento, ela se torna uma ferramenta imprescindível para o letramento do aluno.

Nesse cenário do letramento literário, Cosson (2010) estabelece dois eixos para interpretação: o interior e o exterior. O primeiro seria o contato obra e leitor:

> Isso não significa que esse momento interno é impermeável a influências ou que se trate de um momento mágico em que livro e leitor se isolem em uma torre de marfim. Longe disso, trata-se de um processo afetado pelo que se fez antes e se faz durante a leitura. Em outras palavras, a motivação, a introdução e a leitura, como as definimos acima, são os elementos de interferência da escola no letramento literário. Do mesmo modo, a história de leitor do aluno, as relações familiares e tudo mais que constitui o contexto da leitura são fatores que vão contribuir de forma favorável ou desfavorável para esse momento interno. (Cosson, 2010. p. 65).

Partindo disso, colocar o aluno em contato direto com a obra para que ele possa fazer suas próprias interpretações de forma autônoma, faz parte subjetiva da leitura. O segundo eixo, de acordo com o autor, seria as influências externas, como o contexto social e a construção de sentidos compartilhados em sala de aula "[...] é aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independente dela" (Cosson, 2010, p. 65). De modo que o aluno exponha suas impressões sobre a obra lida e assim formular seus conceitos a partir das interpretações compartilhadas em sala de aula.

Diante disso, à medida que o letramento literário é realizado, a leitura literária se aperfeiçoa, consegue-se ler o que está nas entrelinhas do texto e não superficialmente, e é a partir disso que o aluno cria sua criticidade, o pensamento se materializa e o

professor/mediador válida a voz do aluno, corrige e organiza seus pensamentos, a leitura deixa de ser apenas entretenimento e passa a ser letramento.

Nesse sentido, cabe ao professor o papel de “agente do letramento”, termo citado por Kleiman (2005) em sua obra “Preciso "ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?” ao afirmar que:

> O agente de letramento consegue, por meio de sua liderança, articular novas ações, mobilizando o aluno para fazer aquilo que não é imediatamente aplicável ou funcional, mas que é socialmente relevante, aquilo que vale a pena ser aprendido para que o aluno seja plenamente inserido na sociedade letrada. (Kleiman, 2005, p. 52-53).

Dessa forma, é obrigação do professor criar condições para que se explore as potencialidades que um texto literário, como uma ferramenta que o letramento oferece. Para que o ensino de literatura tenha um bom êxito, compreende-se então que é necessário trabalhar não só o desenvolvimento, como também, as capacidades; competências para aprender ler e a escrever e instigar o lado emotivo e cognitivo do aluno englobando aspectos históricos, sociais, culturais e políticos envolvendo as vivências cotidianas.

É necessário ressaltar sobre o lugar privilegiado que o letramento literário ocupa diante de outros tipos de letramento, em que a palavra surge para explicar algo externo, no letramento literário a palavra é o foco, não importa como ou que se diz, o ritmo, as metáforas, é a palavra a partir dela mesma. Cosson (2010) aborda como ato principal nesse processo de letramento a leitura literária que “passa a ser o processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com a sua cultura identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo, um leitor que se reconhece como membro ativo de uma comunidade de leitores” (Cosson, 2010, p. 120).

Assim, ao dialogar com a sua cultura, o aluno percebe que o que se lê tem referência com o mundo ao seu redor. Espera-se que o ato de leitura seja um processo contínuo, o qual a decodificação dos textos se dá pela percepção crítica que o letramento literário oferece. Portanto, o processo de letramento literário não se encerra na sala de aula; ele se conecta diretamente com a leitura de mundo que o sujeito é capaz de fazer ao relacionar a literatura com a sua realidade.

## 3 O GÊNERO LITERÁRIO CRÔNICA: ASPECTOS TEÓRICOS

Ao compreender a literatura como prática social e ferramenta para o letramento, os gêneros, necessariamente, estreitam a relação entre texto e leitor. Dentre esses, encontra-se a

crônica, com linguagem acessível que trata fatos do cotidiano, muitas vezes com viés humorístico, outras, com certo lirismo. Nesse sentido, Jorge de Sá em sua obra "A Crônica" (2005), afirma que o gênero crônica:

> [...] equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que o nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância. (SÁ, 2005, p. 11).

Dessa forma, a crônica se estabelece diretamente entre a experiência vivida e o fazer literário. Ainda segundo o autor:

> [...] o termo assume [...] o sentido específico de pequeno acontecimento do dia-a-dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante. Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também. (de Sá, 2005, p. 11).

A crônica, portanto, funciona como um mecanismo de valorização do que é comum, ao extrair reflexões do cotidiano, permitindo um olhar crítico diante daquilo que poderia ser banal. Ao conferir essa "dignidade" ao que parece ser insignificante, o gênero possibilita ao leitor se reconhecer diante da narrativa, uma vez que o texto literário, passa a retratar as experiências humanas. Não se trata apenas de reproduzir o que é circunstancial da vida, mas tomá-lo como base para reflexões mais profundas e críticas sobre a sociedade e o indivíduo.

O historiador e crítico Massaud Moisés em sua obra "Dicionário dos Termos Literários", de 2004, ressalta:

> Colocada assim, entre os simples anais e a História propriamente dita, a crônica se limitava a registrar os eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou dar-lhes qualquer interpretação. Em tal acepção a crônica atingiu o auge na Idade Média, ou seja, após o século XII (Moiséis, 2004, p. 110).

Percebe-se então, que a crônica surgiu inicialmente para catalogar fatos históricos de forma subjetiva, sem aprofundamento. De acordo com Sá (2005) a crônica surge no Brasil a partir da Carta de Pero Vaz de Caminha: "Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial. A história da nossa literatura se inicia, pois, com as circunstâncias de um descobrimento: [...] a Literatura Brasileira nasceu da crônica" (Sá, 2005, p. 6-7). No decorrer do tempo, a crônica passa por mudanças e adquire características

diferenciadas, deixando de ser apenas relatos de fatos históricos para se configurar como registro literário do cotidiano.

Com a consolidação da imprensa, por volta do século XIX na França, a crônica surge em forma de folhetim, ou seja, "um artigo de rodapé sobre as questões do dia — políticas, sociais, artísticas, literárias" (Candido, 1992, p. 15). É por meio desse espaço que a crônica ganha visibilidade no Brasil. Antonio Candido no texto "A vida ao Rés-do-Chão" de 1992, afirma:

> Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma" (Candido, 1992, p. 15).

A partir dessa transitoriedade, a crônica ultrapassa o texto jornalístico e se fortalece no texto literário, com uma linguagem mais poética, figurada e coloquial. Dessa forma, ela passa retratar as situações cotidianas de forma mais reflexiva, envolvendo o leitor socialmente e psicologicamente. Esse processo de transição, caracterizando o gênero a partir dessa linguagem acessível, se torna um meio que aproxima o autor e o público, convidando o leitor a adentrar no texto com naturalidade, criando, assim, uma proximidade que é relevante para adquirir o prazer pela leitura.

Embora a crônica trate de assuntos corriqueiros, experiências humanas mais comuns do cotidiano, sua força reside na linguagem. É por meio do jogo com as palavras que o cronista tenta de alguma forma aproximar-se do leitor. Nesse sentido, Cândido (1992, p. 168) afirma:

> Não é um artigo de fundo, seara da argumentação e das provas, mas, na medida em que o cronista esposa uma idéia, uma posição, seu compromisso torna-se tácito, vivido nas opiniões que vai emitindo despreocupadamente no decorrer do texto. Conceitua os fatos da realidade que lhe serviram de ponto de partida, fatos que o leitor conhece e que são o elo de aproximação entre o cronista e seu leitor. (Cândido, 1992, p. 168).

Desse modo, a abordagem de uma linguagem despretensiosa ao utilizar eventos do cotidiano, é o ponto de partida para que o leitor se identifique com o cronista e a obra. De modo que, essa familiaridade com o texto torna-se o elo para que o leitor conecte-se à história contada ou escrita, contribuindo, assim, para o acesso ao mundo literário. Contudo, para que esse gosto pela leitura literária aconteça, é necessário que o cronista trabalhe a linguagem com sutilezas, subjetividade e seja pessoal para que o texto seja atraente para o leitor.

Por se tratar de um gênero com inúmeras características e estilos, a crônica facilmente pode, como diz Martins (1984, p. 74):

> Guardar-se em livro, mesmo feita para o jornal. Apresentar-se como coloquial e até popular, e ser mesmo artística sem perder a naturalidade. Ser o oral no escrito. O diálogo no monólogo. Fazer do leitor, ator. Encerrar uma sábia lição, sem desviar-se do comum. Pode fazer pensar, em tom de brincadeira. Pode valer para sempre, embora nascida do agora. Pode res tar eterna, ainda que circunstancial. Ser brasileira, sem deixar de existir fora. Pode ser um texto de classe e permanecer como antologia. Pode fazer-se poesia e estar escrita em prosa. Avizinhar-se do conto, sem deixar de ser crônica. Pode até ser tema de tese, sem perder o popular. (Martins, 1984, p. 74).

É justamente esse hibridismo que garante uma ampla circulação da crônica, se consolidando em diversos meios de comunicação. Para além de um gênero de jornais e livros impressos, a crônica passa a ocupar também blogs, revistas, redes sociais, aproximando ainda mais do leitor, principalmente, o leitor jovem.

Partindo desse princípio, a crônica vem ocupando outro espaço, os livros didáticos, com grandes quantidades de textos. Nesse sentido, vale ressaltar que num país onde o acesso aos livros literários é limitado, pois, muitas vezes os alunos não têm como comprar, o material didático se torna relevante na formação de leitores, embora os conteúdos desses livros sejam pouco estimulantes. Diante desse cenário, entra a figura do professor como mediador para que ocorra o letramento literário.

A crônica, com toda a sua flexibilidade, linguagem direta e com temas que refletem a realidade do cotidiano, se torna um meio facilitador no contato do leitor jovem com a literatura. Quando um professor apresenta uma crônica ao aluno, ele não apenas oferece um texto breve e de linguagem acessível, ele mostra ao aluno o caminho para reflexão de sua realidade, o fazendo enxergar como parte da linguagem. Como afirma, Luís Carlos Simon, no livro “Duas ou três páginas despretensiosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas” (2016):

> O trabalho com a crônica nos diversos níveis do ensino (fundamental, médio e superior) é algo que não deve ser descartado. O fato de ser a crônica um texto curto já constitui um trunfo para diversas situações pedagógicas em que o professor não dispõe de tempo para recorrer a textos mais longos. Além disso, não se trata meramente e apenas de um texto curto. Os assuntos abordados nas crônicas são muito variados: mulher, amor, cidade, infância, política são alguns dos temas usados e abusados pelos cronistas. Há, ainda, uma farta produção de textos que tratam do próprio fazer poético, do cotidiano do escritor e da ambiguidade experimentada pelo cronista entre o meio jornalístico e o universo literário. Os recursos linguísticos e literários utilizados também são diversificados, proporcionando aos leitores contato com formas ricas e múltiplas de elaboração da linguagem. (Simon, 2016, p. 53).

Portanto, a crônica se configura como um gênero fundamental para a formação do leitor crítico e autônomo. Sendo assim, colocando o aluno em contato direto com diversas possibilidades com a linguagem. A leitura da crônica, nesse contexto, possibilita o aluno reconhecer a linguagem do cotidiano, como também, enxergar no texto literário uma linguagem organizada, estruturada, com múltiplas formas de sentido.

Conforme Sá (2005) afirma: “O coloquialismo, [...] deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata” (Sá, 2025, p. 11). Nesse sentido, explorar as diversas possibilidades que o gênero crônica oferece, facilita o professor aproximar o texto literário à realidade do aluno.

Ao trabalhar com uma linguagem mais “simplória”, o professor contribui para a superação da resistência que muitos estudantes têm em relação à literatura, propiciando, então, um espaço de identificação e descoberta de expressão por meio dos textos literários. Como aponta Cosson (2010) sobre as temáticas e a linguagem dos textos literários:

> [...] ambas devem ser compatíveis com os interesses da criança, do professor e da escola, preferencialmente na ordem inversa. Além disso, esses textos precisam ser curtos, contemporâneos e "divertidos". Não é sem razão, portanto, que a crônica é um dos gêneros favoritos da leitura escolar. (Cosson, 2010, p.21).

Quando bem mediadas, as leituras das crônicas não apenas despertam o interesse do aluno pelos textos, como também o estimulam a pensar criticamente. Isso ocorre porque a crônica, com sua versatilidade temática, transitando sobre questões da infância e do amor até temas sociais e políticos, favorece a organização de pensamentos mais profundos e o convida a interpretar e refletir mais profundamente sobre os textos.

Por conta de toda sua versatilidade, a crônica ocupa um lugar de grande relevância no processo do letramento literário que, segundo Cosson 2015:

> O letramento literário é, [...], um processo de aprendizagem, resultado da experiência do leitor com o texto, simultaneamente solitário e solidário porque implica negociar, reformar, construir, transformar e transmitir o repertório que recebemos de nossa comunidade como literário. (Cosson, 2015, p. 183).

Desse modo, o professor ao trabalhar esse processo por meio da crônica, ajuda o aluno a experienciar sua realidade cotidiana dentro da sala de aula, colaborando para uma reflexão sobre as ações e comportamentos fora da sala de aula. Pois, a crônica por ter uma linguagem mais próxima do dia a dia, contribui também para a humanização do aluno por está em contato direto com os textos literários. Conforme Candido (1995), afirma que “A obra literária

é uma espécie de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção" (Candido, 1995, p. 180).

É justamente pensando na literatura como forma de humanização que a crônica deve ser inserida nas práticas de letramento, servindo de aproximação entre leitor, texto e realidade vivenciada. Ao propiciar esse encontro, a crônica permite uma aprendizagem mais leve e divertida, proporcionando ao aluno uma compreensão mais profunda do cotidiano, sem se restringir somente ao espaço escolar.

Dessa forma, Cosson (2015) afirma que:

> Pensado dessa maneira, o letramento literário não se restringe ao campo escolar, embora se reconheça o impacto da escola e da academia como instituição central na manutenção e reprodução de protocolos de leitura, sendo de sua responsabilidade o desenvolvimento sistemático da competência literária. Também não se limita à escrita, pois esta é apenas um meio, ainda que com peso considerável pela força da tradição, pelo qual a linguagem literária se presentifica, o que leva tanto à verificação do letramento literário em novos meios e mecanismos de expressão e interação social quanto à recuperação da palavra falada como veículo igualmente legítimo da literatura. (Cosson 2015, p. 182-183)

Portanto, a crônica se estabelece como um mecanismo essencial para o processo de letramento literário, pois oferece diversos suportes para que o aluno desenvolva seu pensamento crítico dentro e fora do ambiente escolar. É a partir das interações do cotidiano que se constatará a relevância da literatura para o desenvolvimento cognitivo e social. Nesse sentido, como ressalta Candido (1992), "a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada" (Candido, 1992, p. 20). Essa característica confirma a legitimidade da crônica como meio para aprendizagem literária com sua linguagem acessível sem se afastar de temas sérios e relevantes.

## 4 A CRÔNICA "O PADEIRO", DE RUBEM BRAGA (1956)

Rubem Dias Ferro Braga (1913-1990) é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira, resultado de suas crônicas publicadas em jornais e revistas. Conhecido pela sua fidelidade ao gênero, sua escrita se destaca pelo tom lírico e ao mesmo tempo jornalístico, reforçando a característica do hibridismo presente na crônica. Luciana Stegagno Picchio (1997) *apud* Rafael Magno de Paula Costa, em seu texto "O Lugar da Crônica de Rubem Braga nas Histórias Literárias" (2022) destaca a escrita das crônicas do autor:

> A crônica de Rubem Braga nasce em torno de uma ideia, um acontecimento, uma tristeza ou uma alegria experimentada; e se constrói lentamente, em novelo, entretecida de períodos curtos, numa prosa líquida, francesa na sua polida, paratática, sintaxe. Mas, se a forma é cristalina, a história é economizada até o fim para que o leitor não perca uma gota do relato, nenhuma das ternas, confidenciais, revelações-comprovações desse cronista com antenas sensibilíssimas, recurvado

> sobre si mesmo como um Fernando Pessoa menos pessimista, mais confiante na vida e na solidariedade dos homens. Para quem queira conhecer o Brasil, um certo Brasil cordial e burguês, a crônica de Rubem Braga pode ser ainda uma forma de iniciação das mais agradáveis e estimulantes. (Stegagno Picchio, 1997 *apud* Costa 2022, p. 119).

Dentro desse cenário de escrever crônicas sobre o cotidiano de forma poética e fluida, a crônica "O Padeiro", publicada originalmente em 1956, surge como exemplo da sensibilidade de Braga. O autor começa relatando sobre um dia comum:

> Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento - mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a "greve do pão dormido". De resto não é bem uma greve, é um lockout, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo. (Braga, 1956).

Percebe-se que é a partir desse fato comum, de tomar o café da manhã, que o autor inicia a reflexão sobre um conflito trabalhista, "a greve do pão dormido". Logo em seguida, relembra o antigo padeiro que ao fazer as entregas, gritava: "Não é ninguém, é o padeiro!". Nesse recorte, o texto oferece ao aluno a oportunidade de tecer uma reflexão sobre a invisibilidade de alguns profissionais. Daí a possibilidade de trabalhar por meio dessa crônica a empatia do leitor, aproximando a literatura de eventos que poderiam acontecer facilmente no dia a dia do aluno.

A escrita descomplicada de Rubem Braga reforça a ideia de que a crônica une uma linguagem despretensiosa a fatos complexos da realidade vivida. Como afirma Candido (1992):

> Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza [...]. (Candido, 1992, p. 13).

Ao ler a crônica "O Padeiro", o leitor é convidado a refletir sobre como alguns indivíduos ou grupos sociais são apagados socialmente, apesar de realizarem atividades consideradas essenciais na vida em sociedade. Essa crônica, ao apresentar a figura do padeiro que se auto define "como ninguém", promove o mecanismo ideal para o processo de letramento literário em sala de aula, pois ultrapassa um simples fato de ler para a dimensão social que a literatura oferece e "na sua despetensão, humaniza" (Candido, 1992, p. 13).

Outro ponto crucial nessa crônica é como Braga trabalha a metalinguística: "muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno". Com isso o autor aproxima o fazer literário do

trabalho braçal do padeiro. Desmistificando assim, o papel do escritor como algo essencial do cotidiano, sugerindo que o texto literário (crônica) deve ser algo que necessita ser consumido diariamente e democraticamente. Sendo assim, proporciona ao aluno o entendimento da relevância da literatura no meio social.

Por fim, o pensamento de Braga para o encerramento da crônica "dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre", Demonstra como o autor consegue transmitir por meio de suas crônicas a sensibilidade e empatia, colocando a crônica como um elo humanizador, como afirma Candido (1992):

> Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade designificado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (Candido, 1992, p. 13-14).

Portanto, a crônica "O Padeiro" no processo de letramento literário, auxilia não só pelo fato de colocar o aluno diretamente em contato com o texto por meio de uma linguagem acessível, como também no trabalho do pensamento crítico, o reconhecimento de si por meio da obra literária despertando o prazer da leitura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, analisou-se como a crônica pode ser utilizada como uma relevante ferramenta para o processo de letramento literário. Contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e social do aluno/leitor com base nas experiências vivenciadas. Como objeto de estudo, analisou-se a crônica "O padeiro", de Rubem Braga, e constatou-se que a crônica vai muito além da mera distração com teor jornalístico, como de início ela era utilizada, ela transcende no tempo como uma ferramenta atual para desenvolver a leitura e interpretação crítica.

A análise desenvolvida evidencia que o gênero crônica, apesar de se caracterizar por linguagem acessível, relatos do cotidiano e simplicidade estética dos textos, não deixa de explorar temas mais complexos e profundos. Desse modo, levando o leitor a refletir sobre suas vivências, despertando o prazer pela leitura, revelando-se uma ferramenta essencial para desenvolver o senso crítico do leitor.

Usamos como teoria, os estudos de Rildo Cosson, afirmando que a leitura literária é capaz de transformar o indivíduo culturalmente e socialmente. Usamos ainda Antonio Candido, com a percepção de que a literatura é um instrumento eficaz para humanizar. Observou-se que a crônica se estabelece como o principal meio para que o letramento literário

aconteça, colocando o aluno em contato direto com diferentes tipos de produções e exploração da linguagem.

Nesse contexto, é possível analisar como o trabalho desenvolvido pedagogicamente a partir da literatura ainda é sistemático e técnico, deixando focar nas experiências dos alunos, de forma leve e simples que a crônica possui em sua linguagem. Se torna necessário adotar formas de mediações que coloque o aluno como protagonista, abordando leituras contextualizadas sobre a realidade vivenciada sem deixar de tratar sobre a relevância das temáticas sociais e políticas.

O professor, nesse processo, colabora com a mediação de experiências. A tarefa não é somente decodificar textos, mas trabalhar na construção de sentidos, promovendo o processo de humanização por meio da leitura literária, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico. Sendo assim, formar indivíduos conscientes transformando a leitura em prática social.

Portanto, conclui-se que a crônica em sala de aula possui um valioso potencial pedagógico, com inúmeros suportes didáticos para desenvolver a formação de leitores críticos. O gênero reflete que a literatura quando integrada às vivências do cotidiano é capaz de despertar o prazer literário. Assim, a contribuição da crônica para promoção do letramento literário, cumpre o seu papel de transformar leitores muito mais conscientes e humanos capazes de participar ativamente da sociedade do seu papel social e valorizar suas escolhas históricas e culturais.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Rubem. **O Padeiro.** *In*: Crônica Brasileira. Disponível em: https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/14117/o-padeiro. Acesso em: 02 de maio de 2026.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão.** *In*: SETOR DE FILOLOGIA DA FCRB (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura. In:** ***Vários escritos***. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: uma localização necessária.** Letras & Letras, Uberlândia, v. 31, n. 3, p. 173-187, jul./dez. 2015.

COSTA, Rafael Magno de Paula. **O lugar da crônica de Rubem Braga nas histórias literárias.** Revista Philologus. p. 116 - 123. Paraná: 2022 Disponível em: http://www.filologia.com.br/revista/Rev_XXVIII_P115.pdf Acesso em: 02 de maio de 2026.

KLEIMAN, Angela. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** *In:* _____ (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. D. C. B. R. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Cefiel/IEL/Unicamp – Ministério da Educação, 2005. O conceito de letramento.

MARTINS, Sylvia J. de Almeida. **A linguagem de Drummond na crônica : um estudo lingüístico-estilístico.** Araraquara. Tese (Doutoramento). UNESP, 1984.

MASSAUD, Moiséis. **Dicionário dos Termos Literários.** São Paulo: Cultrix, 2004.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2005.

SIMON, Luiz Carlos. **Duas ou três páginas despretensiosas**: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: EDUEL, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998